

02-05-2025

Galo Cego: Saúde do trabalhador é um direito humano

Alberto Jucelino Pereira Junior

[Advogado Sanitarista, doutorando em Saúde Pública/Ensp, Membro do GE MultiVisat]

Tenho relatado aqui o papel fundamental dos Agentes de Controle das Endemias (ACEs), extinta Sucam/Funasa, com vínculos precários, em que trabalhava na década de 1990. Todos os ACEs do RJ foram demitidos em 1999 por José Serra ([Pereira Jr, 2018](#)). Entre as atribuições, que descrevi na crônica “*Agente de Combate a Endemias - Relato de uma visita domiciliar*” ([08/03/25](#)), estão: Promoção ações educativas e conscientização da comunidade sobre higiene, vacinação e prevenção de doenças; Coleta de dados e registro de informações sobre a incidência de doenças na área de atuação, contribuindo para o monitoramento epidemiológico; Apoio a campanhas de vacinação e participação na imunização da população – e até de animais domésticos – colaborando para a saúde coletiva; Integração com a comunidade, construindo um relacionamento de confiança com os moradores e facilitando o acesso a informações e ações de saúde no território. Na década de 1990, Niterói enfrentava uma grave epidemia de dengue, e muitos servidores eram contratados para reforçar as equipes de campo. Quando um bairro apresentava alto índice de casos e infestação de mosquitos, organizávamos mutirões aos finais de semana para vistoriar todos os imóveis da região. Minha equipe era composta por dez profissionais, cada um com um apelido peculiar: “MacGyver” (nosso guarda-chefe), “Robocop”, “Cara de Lua”, “Cara de Cavalão”, “Calado”, “Geninho”, “171”, os gêmeos “Cosme” e “Damião” e eu, “Renato Russo”. Porém, nos mutirões, as equipes eram misturadas, e trabalhávamos em duplas para agilizar o serviço. Foi assim que conheci “Galo Cego”, um jovem de pouco mais de trinta anos, apesar dos cabelos grisalhos e dos enormes óculos inseparáveis. Pontualmente às 8h, começamos nosso trabalho em um dos quarteirões do bairro da Ilha da Conceição, em Niterói-RJ. Seguíamos juntos, casa por casa, vasculhando quintais, caixas d’água, cisternas, galões, reservatórios, pratinhos de plantas e até bromélias. Para otimizar o processo, combinamos um revezamento: quem tocasse a campanha ficava responsável por se apresentar, explicar a visita e esclarecer as ações de saúde e a importância do mutirão. Enquanto isso, o outro agente inspecionava a área em busca de focos, aplicava o tratamento e, caso encontrasse larvas ou pupas, coletava amostras para análise epidemiológica. Nossa estratégia funcionava bem, com vitorias eficientes, até que chegamos à padaria. Naquele momento, era a vez de “Galo Cego” fazer a explanação, enquanto eu realizava a vistoria. Mal sabíamos que aquele local nos reservaria uma surpresa. Segui para os fundos da padaria e me deparei com um cenário preocupante: dezenas de garrafas cheias de água, além de outros depósitos infestados de larvas. Imediatamente, eliminei todos os recipientes plásticos e virei as garrafas de boca para baixo, impedindo o acúmulo de água e a proliferação do *Aedes aegypti*.

Quando finalizei o trabalho, meu colega já havia conversado com os proprietários do estabelecimento, que deixaram um funcionário para nos acompanhar. Durante a inspeção, encontramos uma caixa d’água destampada que precisava ser vistoriada. Perguntei ao rapaz se havia uma escada disponível, mas ele respondeu que não. Naquele tempo, ao realizarmos mutirões, levávamos todo o aparato necessário para garantir que nenhum local ficasse sem vistoria. Sabíamos que cada foco eliminado significava menos risco para a população. No veículo da equipe, tínhamos várias escadas, justamente para essas situações. Virei-me para “Galo Cego” e disse que iria buscar a escada. No entanto, ele achou que seria perda de tempo. Olhando ao redor, apontou uma alternativa: havia um muro próximo que dava acesso ao telhado da varanda, de onde seria possível alcançar a caixa d’água. Antes que eu pudesse argumentar, ele já havia conseguido uma cadeira e, ágil como um galo, preparava-se para subir no muro. Mas, ao segurar na grade da janela para se apoiar, soltou um grito agonizante: – *Socorro, estou sendo eletrocutado!* O tempo pareceu parar. Sem pensar, saí correndo e gritando: – *Desliga! Desliga a energia! Desliga agora! Ele está sendo eletrocutado!* Não sei quantos segundos se passaram – pareciam uma eternidade. Quando finalmente desligaram a luz, “Galo Cego” desabou no chão, meio zonzo, com a mão dormente. O alvoroço tomou conta da padaria. Em poucos minutos, o local estava cercado por agentes de endemias, supervisores e até pela coordenação do programa. O funcionário que nos acompanhava estava branco como papel, balbuciando que não sabia que a grade estava energizada. O dono da padaria, visivelmente nervoso, explicou que deixava a grade eletrificada à noite para evitar invasões, mas, naquela manhã, havia esquecido de desligá-la. Atordoado, “Galo Cego” foi levado ao pronto-socorro. Enquanto isso, seguimos com as vistorias até concluir todo o bairro. No fim do dia, recebemos a notícia de que ele estava bem e havia sido liberado para repousar em casa. Mesmo com contratos precários, tínhamos orgulho da profissão. Mais do que eliminar focos do mosquito, éramos agentes da saúde pública, combatendo a epidemia de dengue com dedicação e compromisso. Nossa profissão ia além do local e do tipo de trabalho: envolvia nossa formação, nossas relações sociais, nossas experiências, humanização e espírito de equipe. A população respeitava o trabalho dos ACEs. Mas, infelizmente, até hoje esses trabalhadores enfrentam falta de infraestrutura, vínculos precários e desigualdades – alguns efetivos da saúde, outros terceirizados. Nossa rotina nos expõe a riscos constantes: câncer de pele, lesões por esforço repetitivo, cefaleia, tonturas – sem falar nas quedas de altura, mordidas de cães e gatos, entre outros perigos. É por isso que precisamos lutar.

**A saúde do trabalhador deve ser reconhecida
como um direito humano.**

**A oportunidade de virar esse jogo está na
5ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador
e da Trabalhadora (5ª CNSTT),
que acontecerá de 18 a 21 de agosto de 2025.**

**Vamos exigir que a saúde no trabalho seja garantida
como um direito fundamental.**

É hora de nos unirmos e fazer nossa voz ser ouvida!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.